



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP**

**O DISCURSO COMO DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO E CONTROLE SOCIAL: SER  
LGBTQIA+ A PARTIR DE OUTRO IMAGINÁRIO**

**Nathan Alberto da Silva Martinho Rodrigues**

**Brasília**

**2/2020**

**Nathan Alberto da Silva Martinho Rodrigues**

**O DISCURSO COMO DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO E CONTROLE SOCIAL: SER  
LGBTQIA+ A PARTIR DE OUTRO IMAGINÁRIO**

Artigo final apresentado à Disciplina Projeto de Curso vinculada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva.

**Brasília**

**2/2020**

# O DISCURSO COMO DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO E CONTROLE SOCIAL: SER LGBTQIA+ A PARTIR DE OUTRO IMAGINÁRIO

Nathan Alberto Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo

Entendendo o discurso como uma possibilidade de compreendermos melhor como as interações humanas se organizam e refletem numa determinada prática social, o presente artigo tem como objetivo identificar e perceber como se dá a exclusão social do sujeito LGBTQIA+ diante da sociedade atual a partir do filme *Tatuagem* (2013), de Hilton Lacerda. Ancorado na Análise de Discurso Crítica (ADC) e Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), este artigo se estrutura a partir das cenas selecionadas e transcritas do filme para fins de avaliação. A partir disso, identifica-se com base no léxico e com o auxílio do sistema de avaliatividade (Martin e White, 2005), com foco nos subsistemas de afeto e julgamento, de que forma as instituições militares e religiosas legitimam e são responsáveis por essa prática de exclusão. Tendo como marcador a “moral e os bons costumes”, observa-se nas cenas selecionadas como os afetos de um determinado grupo social ainda são motivos de pânico e preocupação frente uma sociedade estruturada e constituída a partir de um modelo tradicional.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica (ADC); Controle Social; Exclusão social; Afeto; LGBTQIA+.

## Abstract

Understanding the discourse as a possibility to better understand how human interactions are organized and reflected in a social practice, this article aims to identify and understand how the LGBTQIA + subject is socially excluded from the actual society from the movie *Tattoo* (2013), by Hilton Lacerda. Anchored in Critical Discourse Analysis (CDA) and Systemic-Functional Linguistics (SFL), this article is structured around the selected and transcribed scenes of the film for evaluation purposes. From that, it is identified based on the lexicon and with the help of the evaluative system (Martin and White, 2005), focusing on the

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela UnB. E-mail: nathanalberto.r@gmail.com

affection and judgment subsystems, in which way the military and religious institutions legitimize and are responsible for this exclusion practice. With “morality and good customs” as a marker, it is observed in the selected scenes how the affections of a certain social group are still reasons for panic and concern in the face of a society structured and constituted from a traditional model.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis (CDA); Social Control; Social exclusion; Affection; LGBTQIA +.

## **Introdução**

A nossa linguagem é um reflexo das estruturas sociais nas quais estamos inseridos. É a partir dela que nossa sociedade se apresenta e nos permite, conseqüentemente, compreender como nossos valores sociais, culturais e identidades sociais são constituídos. Na linguística, para entender melhor como esse processo funciona, é necessário investigar; analisar essas relações dialéticas.

Baseado nas considerações da Análise de Discurso Crítica (ADC), é importante pontuar que nosso discurso é uma prática social, logo, não se dá de maneira inteiramente individual, ele se constitui a partir de uma relação dialética. Em sua materialidade, como Gouveia (2013, p. 1061) nos sinaliza, esse discurso se revela a partir das identidades sociais, dos objetos de conhecimento, das situações, suas relações com pessoas e grupos de pessoas. Assim, e entendendo essas relações entre a dialética e suas estruturas sociais, tendo como aporte a Análise de Discurso Crítica, este trabalho tem como escopo identificar e compreender como a representação do sujeito LGBTQIA+ (lésbica, gay, bissexual, transgênero, transexual e travesti, *queer*, intersexual, assexuados, etc.) está colocada em determinados fragmentos do filme *Tatuagem* (2013), de Hilton Lacerda. Este filme tem sua importância porque traz uma narrativa e abordagem fundamental para a história da comunidade LGBTQIA+. Para além de se reconhecer nas telas, a potência dos encontros é o que pavimentava esse caminho que serve aqui como objeto de análise por trazer elementos dialógicos que representam e nos convidam a conhecer outras possibilidades de afeto. Ao mesmo tempo, embora a história tenha se passado há 43 anos, ele traz temas muito contemporâneos, de caráter político, moral, religioso, comportamentais, que refletem na atual conjuntura do nosso país. Partindo de uma identificação pessoal, *Tatuagem* (2013) vai ao encontro de determinadas inquietações, postas de maneira recorrentes no dia a dia, como a

necessidade de performar uma virilidade para ser benquisto, para não ser excluído socialmente, como ocorrem com os personagens e que suscitam aqui debates de como essas exclusões podem atravessar o sujeito.

Tatuagem é um filme brasileiro do gênero drama, escrito e dirigido por Lacerda. Lançado em 2013, se passa em 1978, ano em que ainda estamos vivendo sob um patulhamento ditatorial, ainda que em esgotamento. Ainda sim, essa obra está centralizada na trupe Chão de Estrelas, um misto de teatro e cabaré da periferia, liderado por Clécio (Iranthir Santos), na região periférica de Recife, além de artistas e intelectuais que compõem seu diversificado público. É nesse cenário, colorido e provocativo, que a trupe apresenta seus espetáculos de resistência política com deboche, subversão e, sobretudo, de maneira anárquica.

É durante um desses espetáculos que Clécio é apresentado ao soldado Arlindo Araújo (Jesuíta Barbosa), mais conhecido como Fininha. Um garoto de 18 anos, que vive e trabalha em um quartel, ao conhecer o grupo Chão de Estrelas se percebe encantado com as possibilidades de transformação da arte. É a partir desses dois mundos, tão adversos e nada complementares, que a história se constrói e os personagens vão estabelecendo um vínculo afetivo, nos apresentando e apontando a necessidade de novos tempos. De um lado, temos um mundo regido pela ditadura e suas militarizações, atrocidades e repressões; do outro, um mundo teatralizado, subversivo, alegre, político, com suas narrativas lgbtqia+ e marcas fazendo coro e nos lançando no futuro, como uma tatuagem.

A partir desses constructos, é importante compreender que o conceito de discurso se apresenta aqui como uma possibilidade de compreendermos melhor como as interações humanas se organizam, como estamos condicionados socialmente e estabelecemos nossas relações dialógicas com o outro que acabam por serem constituídas através de imagens, hábitos, conhecimentos, identidades, e assim por diante (Santos e Meira, 2013). Dessa maneira, conseguimos compreender que nossa linguagem é parte da sociedade, como afirma Gouveia (2002). É a partir dessa prática social, que é o discurso, que entendemos a linguagem como um mecanismo no qual a sociedade se reproduz e se autoanalisa.

Com base nessas noções, este artigo propõe-se identificar e compreender, a partir da análise de discurso crítica (ADC), como e de que forma as instituições religiosas e militares corroboram para as questões de exclusão social dos sujeitos LGBTQIA+. Todas as questões levantadas, dado o método utilizado, obtiveram êxito e foram devidamente respondidas e discutidas. Para essas análises, foram utilizados fragmentos de cenas do filme Tatuagem (2013), considerando aqui o diálogo dos personagens e utilizando como recurso o sistema de

avaliatividade. Este sistema nos permite avaliar como nossa linguagem, sobretudo a relação léxico-gramatical, se configura no nosso cotidiano. Ou seja, a maneira como nos expressamos, seja de maneira mais ou menos intensa, mais ou menos enfática, mais próxima ou distante do nosso interlocutor, nos dá a possibilidade de analisarmos como nossas atitudes no dia a dia se configuram. Segundo Vian Jr. (2010 apud Martin e White 2005) aponta, o sistema de avaliatividade surge a fim de avaliarmos e identificarmos essas ocorrências linguísticas. Para isso, Martin e White (2005) classificam o sistema de avaliatividade em: atitude, gradação e julgamento. Cada uma dessas três categorias apresentam subsistemas. Nossa avaliação, como sinaliza Vian Jr. (2010, p. 20), depende do grau de ampliação que queremos atribuir às nossas análises. Para este artigo, em especial, nos concentraremos na categoria atitude, que possui três subsistemas: afeto, julgamento e apreciação. Em se tratando do subsistema afeto, consideramos os aspectos e recursos que evidenciam nossas emoções; no julgamento, temos um recurso onde julgamos o caráter do outro; e por último, temos a apreciação, que é um recurso utilizado para atribuímos valor às coisas. No filme de Hilton Lacerda (2013), a contar pelos diálogos selecionados, discutiremos o sistema de atitude considerando dois subsistemas: afeto e julgamento. As análises serão realizadas a partir de uma seleção lexical, com as respectivas cenas do filme transcritas, considerando aqui a relação dialética entre linguagem e sociedade.

### **Moral e bons costumes: construindo um outro imaginário social**

As questões de sexualidade têm sido discutidas, controladas e associadas pelas mais diferentes esferas. Seja religiosa, seja pelo legislativo, medicina, sociedade, parece existir, na maioria das vezes, a necessidade de se produzir argumentos amparados em determinados preceitos para julgar o que é certo, errado, moral, imoral, e assim por diante.

Quando questões como estas são colocadas, vale lançar um olhar para as palavras de Foucault (1981, p.38-39), quando o mesmo afirma, a despeito dos homossexuais, que o que perturba e inquieta a sociedade não é o ato sexual em si, mas a maneira como vivemos e levamos nossa vida. O problema está em construirmos e verbalizarmos nossos afetos porque é a partir desses dispositivos que as instituições são sacudidas, dominadas e perturbadas. A partir disso, se inicia uma disputa de territórios para que consigamos, enquanto minorias, ocuparmos nossos espaços e construir, além de reproduzir, um outro imaginário social.

Ao nos colocarmos enquanto um grupo minoritário, é importante compreender que ser minoria não se dá porque somos poucos, mas sim porque, embora tenhamos avançados em

determinadas pautas, o preconceito ainda está instituído de maneira latente, seja através dos olhares, das piadas, o que nos dá constantemente a sensação de estar sendo vigiado, julgado e punido pelo que somos. Ser minoria não parte de uma escolha coletiva de quem se reconhece enquanto LGBTQIA+, mas de uma desvantagem social por parte dos grupos dominantes que ao estabelecerem as regras de como ser e viver em sociedade, rechaçam e punem aqueles que decidem mostrar que outros e novos caminhos também são possíveis. Como consequência, temos diariamente nossas identidades apagadas, o cerceamento dos nossos afetos em público e o direito de ir e vir violados.

Para que se compreenda melhor o que é ser um indivíduo LGBTQIA+ (lésbica, gay, bissexual, transexual e travesti, queer, intersexual, assexuados e assim por diante), é importante ainda se atentar às palavras do ativista Alexander Leon (2020), que descreve de maneira muito pontual como crescemos sob olhares de julgamento e a necessidade de produzirmos políticas de acolhimento, cuidado e defesa:

“Pessoas LGBTs não crescem sendo elas mesmas. Crescem sacrificando e limitando suas espontaneidades para evitar humilhações e preconceitos. Nosso maior desafio da vida adulta é perceber quais partes de nós são o que somos de verdade e quais inventamos para nos proteger do mundo.”

A ordem social determina e nos coloca desde sempre em um lugar de subalternidade, o que automaticamente nos condiciona a ser, pensar e agir de outras formas que não a nossa; de maneira legítima. O que Leon coloca é que as interferências que sofremos desde cedo nos coloca em um lugar de naturalização dessas violências, o que nos faz acreditar que não há outras escolhas. Do contrário, só nos restaria viver na vergonha e humilhação.

É partindo dessas inquietações e entendendo o cinema como um recurso e prática discursiva que determinadas cenas do filme *Tatuagem* (2013) foram selecionadas e transcritas neste artigo. Partindo de uma perspectiva qualitativa, as reflexões advêm de um lugar já pré-existente e servem para reforçar como as nossas relações afetivas são capazes de desestabilizar determinados arquétipos já estabelecidos. Para além do audiovisual, o cinema serve aqui como um fio condutor para refletirmos sobre afeto, família, prazer, mas também os espaços de poder (exército) e resistência (chão de estrelas).

## **Análise de discurso crítica (ADC): uma perspectiva teórica**

Quando Fairclough (2001) aponta que nosso discurso é uma prática social, isso nos leva a compreender que nossa linguagem é um reflexo de variáveis situacionais. Isso quer dizer, em outras palavras, que a maneira como construímos nossa maneira de se expressar parte de práticas dialógicas, logo, nosso discurso é uma ação; uma forma de as pessoas poderem agir sobre o mundo e, principalmente, sobre os outros. É um modo de representação que constitui e constrói o mundo em significados. Como Fairclough (2001, p. 91) afirma:

“o discurso contribui para constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.”

Dentro desse panorama, é possível compreender que a Análise de Discurso Crítica (ADC) percebe o discurso a partir de três aspectos: enquanto uma identidade social, de maneira relacional e ideacional. Sendo uma identidade, ela é responsável por construir a identidade daquele sujeito frente à sociedade a partir dos seus discursos; enquanto função relacional, temos a representação do discurso entre os indivíduos e como elas são negociadas; e, por último, a função ideacional, que se dá a partir dos textos e como eles são capturados no outro, a partir dos seus processos, entidades e relações (Fairclough, 2001, p. 92).

A prática discursiva, segundo Fairclough (2001, p. 93), colabora no que se refere às formas que a nossa sociedade se reproduz (seja através das identidades sociais, crenças e seus sistemas de conhecimento), mas também para modificá-las. É importante destacar que o que a torna discursiva é a nossa linguagem. Ou seja, quando a análise de discurso foca nesse tipo de prática em especial, o que ela analisa são os processos de produção, distribuição e consumo textual, que são, em suma, processos sociais. Portanto, nossa prática social é, na verdade, uma extensão do nosso discurso e que acaba por se refletir também nos textos. (Fairclough, 2001, p. 99)

Para entendermos melhor o exposto acima e como funciona a Análise de Discurso Crítica (ADC), basta compreendermos o discurso a partir de um plano tridimensional, em que este se estabelece a partir de três elementos: texto, prática discursiva e prática social. Isso quer



dizer que não é possível considerarmos um texto sem fazermos uma correlação entre a prática discursiva e social. Vejamos o diagrama abaixo:



Concepção tridimensional do discurso. Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

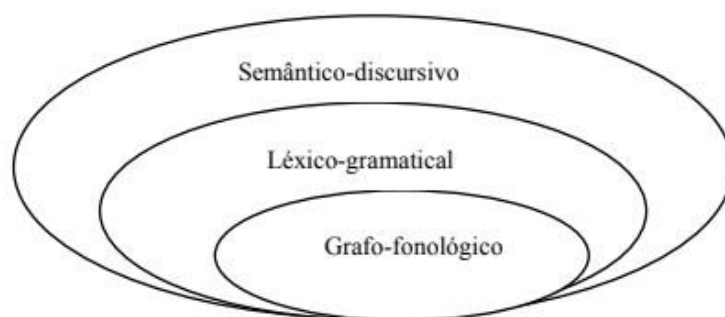
Como podemos observar, todo texto passa por um processo de produção, distribuição e consumo e isso se modaliza a partir de determinadas práticas sociais. Portanto, esse discurso, que posiciona o sujeito e o constitui enquanto objeto de conhecimento, quando se estabelece enquanto prática social e diante da sociedade (GOUVEIA, 2013, p. 1061) é, conseqüentemente, uma relação dialética. E, para além disso, ele acaba fazendo parte de uma classe que acaba se relacionando com vários elementos da semiótica que são responsáveis por essa construção identitária, social e dialética tais como: o texto escrito, os gestos, as interações conversacionais, as expressões faciais, imagens, participantes e assim por diante. Dessa maneira, e levando em consideração esses aspectos, é possível depreender que o discurso não se estabelece de maneira uniforme, pelo contrário: é a partir dessas camadas que o discurso consegue representar aspectos particulares da vida social.

Essa não uniformidade do discurso nos leva também ao caminho da mudança de discurso, também discutida amplamente pelo Fairclough (2001, p. 127). Segundo o autor, essa mudança se dá a partir de determinadas convenções tanto para seus produtores quanto para seus intérpretes. Isso ocorre a partir de problematizações nas estruturas já convencionadas, o que coloca os sujeitos em determinados dilemas. A exemplo, temos a interação entre homens e mulheres e a posição que esses sujeitos ocupam, a maneira como foram e são socializados, o que acaba por refletir na maneira como se expressam. Além disso, o que é possível

compreender, como Fairclough (2001, p. 128) ainda aponta, é que essas práticas discursivas, incluindo aqui os processos sociocognitivos, serão inovadores ou criativos a depender da adaptação de normas já existentes. É a partir dessa exploração discursiva que poderemos avançar e contribuir para uma mudança e prática social.

### **Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): uma perspectiva sobre a noção de semântica do discurso**

Na linguística Sistêmico-Funcional, nossa língua se configura a partir de um sistema semiótico que está dividido em três estados: o primeiro de significados; em seguida temos os fraseados; e por último, um sistema de letras/sons. Para que se compreenda como nossas análises linguísticas são efetuadas, é importante entender as relações entre esses três estados. Vejamos como eles se configuram:



Categorias da linguagem. Fonte: Vian Jr (2010, p. 21).

No primeiro plano, temos a categoria grafo-fonológica, responsável pelo sistema de letras/sons; mais adiante, no segundo plano, temos a categoria léxico-gramatical, responsável aqui pelas frases/palavras; e por último, a categoria semântica-discursiva, responsável pelos significados. É a partir desse quadro teórico que o sistema de avaliatividade se desenvolve, localizando-se na categoria semântico-discursiva e se realizando, gramaticalmente e do ponto de vista lexical, a partir da categoria léxico-gramatical; se oral ou por escrito, na categoria grafo-fonológica, a depender das interações estabelecidas.

Quando escolhemos o léxico-gramatical como forma de avaliação, partimos de certos dispositivos semânticos que podem, a depender do nível de avaliação, se potencializar, ou mesmo, se reduzir; se ampliar ou minorizar. Dessa maneira, como sinaliza Vian Jr (2010), a nossa avaliatividade se caracteriza de uma maneira interpessoal e, sendo essa avaliatividade

uma das áreas da semântica do discurso, é assim que conseguimos chegar no sistema de avaliatividade.

Conforme Vian Jr (2010, p. 23) afirma, esse sistema de avaliatividade abrange áreas muito amplas na linguística, logo, os recursos que utilizamos devem funcionar como hipóteses, não se fechando completamente nas categorias. Como Vian Jr (2010 apud Martin e White 2005, p. 46) sinaliza, é necessário compreender que esse sistema linguístico serve como um ponto de partida, um instrumento para que cheguemos em determinadas análises, e não necessariamente um fim.

### **Sistema de Avaliação**

O processo de avaliatividade é entendido como um sistema que serve para explorar, descrever e explicar a forma como a linguagem é utilizada como instrumento de avaliação. Dessa forma, essa avaliação está ligada ao falante, que acaba por assumir esse papel de avaliador. Ao mesmo tempo, para Almeida (2010 apud LABOV 1972), a avaliação tende a estar centralizada em contextos que se referem às experiências pessoais. Segundo Lobato e Nogueira (apud MARTIN e WHITE 2005), ao confabularem sobre as questões de avaliatividade, foi possível chegar aos seguintes questionamentos:

De que maneira escritores e falantes instauram-se nos textos que produzem? Como são realizadas, linguisticamente, instâncias de envolvimento, atitudes, afeto, julgamento, apreciação, aprovação, desaprovação, entusiasmo e decepção em relação aos significados que se transmitem? De que modo, ainda, escritores e falantes constroem suas identidades nos textos? (Lobato e Nogueira apud LOPES e VIAN JR, 2007, p. 1).

É a partir desses construtos que Lobato e Nogueira (apud Martin e White 2005) constroem um conceito e caminho para o sistema de avaliatividade, entendendo os recursos semânticos-discursivos enquanto elementos essenciais e que vão servir para avaliar as coisas, os objetos, o comportamento dos indivíduos e seus sentimentos.

O sistema de avaliatividade se divide em três subsistemas: atitude, engajamento e gradação. O primeiro avalia as possibilidades linguísticas, sejam elas positivas ou negativas, em relação ao sentimento, comportamento e opiniões sobre o mundo que nos cercam; o engajamento diz respeito à aceitação ou não do posicionamento, o papel das vozes e suas respectivas opiniões no discurso; e a gradação se refere a como o discurso, os sentimentos, se

ampliam a partir de uma escala de avaliação que passa pelo tamanho, força e vigor, como apontam Lobato e Nogueira (2013).

Na categoria atitude, em especial, temos outras três subcategorias: afeto, julgamento e apreciação. Para este artigo, vamos focar nossas atenções nas subcategorias de afeto e julgamento a fim de compor e analisar linguisticamente como nosso léxico se constitui.

### **A categoria de atitude e as subcategorias de afeto e julgamento**

A atitude é um dos sistemas da avaliatividade responsável pelas avaliações positivas ou negativas, a partir das relações semânticas que se dividem em: afeto (emoções), julgamento (ética) e apreciação (estética). Esse sistema, conforme Almeida (2010 apud MARTIN, 2000) aponta, pode vir de maneira implícita, a partir do ouvinte/leitor, ou mesmo, explícita quando o discurso se materializa e se intensifica para mais ou menos, de maneira positiva ou negativa. Assim, é possível identificar os elementos léxico-gramaticais a partir de determinados parâmetros (Almeida 2010 apud Hood, 2004, p.76):

a. A partir de um determinada característica na oração:

Exemplo: Interação é **indispensável**

b. Através de um epíteto:

Exemplo: Uma escolha **favorável**

c. A partir de uma qualidade nominalizada:

Exemplo: Ela é a **ignorância** em pessoa

d. Através de um processo com significado atitudinal:

Exemplo: Por dentro, ainda **gosto** dela.

Essa categoria de atitude acaba sendo de extrema importância porque é ela quem vai avaliar os níveis e processos expressos nos discursos. Como Almeida nos situa (2010 apud MARTIN e ROSE 2003, p. 22): “Atitudes têm a ver com a avaliação das coisas, do caráter das pessoas e seus sentimentos. Tais avaliações podem ser mais ou menos intensas, isto é, elas podem ser mais ou menos ampliadas.”. Assim, o sistema de atitude vem dividido semanticamente em três subcategorias: afeto, julgamento e apreciação.

O afeto está relacionado às expressões de emoção no discurso; o julgamento, por sua vez, está relacionado ao “comportar-se” em sociedade. Uma avaliação que se relaciona à

moralidade e os bons costumes; e por último, a apreciação, que faz uma avaliação valorativa acerca das coisas, dos objetos, de maneira mais estética, relacionando suas formas, etc.

### **Subsistema Afeto**

O afeto é um recurso semântico capaz de identificar as emoções no discurso. É ele quem vai avaliar como os sentimentos dos falantes/escritores vão se comportar diante das pessoas, situações, coisas e/ou objetos. Essa avaliação pode vir de maneira positiva ou negativa, feliz ou triste, interessado ou desinteressado, etc. O que esse subsistema de avaliação nos mostra é que as pessoas estão cercadas de sentimentos bons (afeto positivo) e ruins (afeto negativo) e eles podem se manifestar através do léxico ou orações de maneira explícita ou implícita. (Almeida, 2010, p. 101).

As realizações do afeto, como Almeida identifica (2011 apud HALLIDAY 1994), podem ser responsáveis por fazer modificações nos participantes, processos e adjuntos, como por exemplo (Almeida, p. 102):

a) O afeto indicando uma qualidade. Os sujeitos são, nesse caso, identificados através de epítetos.

Exemplo: Criaturinha **feliz** > Epíteto

b) O afeto indicando uma qualidade aos participantes.

Exemplo: Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar **triste** > Atributo

c) O afeto indicando uma qualidade a partir dos adjuntos e modificando, conseqüentemente, o processo e a maneira como eles são realizados:

Exemplo: Atravessamos a sala **num trote** e saímos para a rua deixando a mãe de Shirley ainda de boca aberta (...). > Adjunto de circunstância

Ao final, o que se observa é que esses elementos léxico-gramaticais em destaque foram responsáveis por estabelecer relações de emoção na linguagem. Para identificarmos o afeto, é preciso ainda levarmos em consideração os fatores abordados e sinalizados por Almeida (2010, p.103-104 apud MARTIN e WHITE 2005):

a) Culturalmente, os sentimentos podem ser positivos ou negativos: aos positivos, diz respeito às questões de felicidade, que são agradáveis de experienciar; aos negativos, como o próprio nome diz, está relacionado ao que traz infelicidade; ao que é desagradável.

Exemplo: Os homens do seu tempo que só cuidavam de si, esses viveram ricos e **felizes**.

b) Os sentimentos são resultados das emoções: diz respeito às emoções que envolvem manifestações paralinguísticas e extralinguísticas. Além disso, podem exprimir um determinado estado emotivo ou processo mental contínuo. Na gramática, essas diferenças são resolvidas a partir considerando a oposição comportamento versus comportamentos relacionais ou mentais (Almeida 2010 apud MARTIN e WHITE, 2005, p. 46-50) .

Exemplo: o cavaleiro andante **geme** com três costelas quebradas.

c) Sentimentos que são resultados de reações externas: esses sentimentos são resultados de algum fenômeno emocional ou partem geralmente de alguma atitude em que automaticamente se pergunta: “por que você está se sentindo assim? eu não tenho certeza/eu não sei ao certo”. Gramaticalmente, fazemos essa distinção a partir de dois processos: mentais (ele gosta dele) ou relacional (ele é feliz). Almeida (2010 apud MARTIN e WHITE 2005, p. 47) vai propor uma espécie de escala que vai caminhar por entre esses dois processos:

Exemplo: Do processo mental para o relacional

Ela gosta dele

Ele a agrada

Ela está satisfeita com ele

Ela está satisfeita

Ela esta satisfeita com ele

Ela está muito satisfeita

Ela está feliz

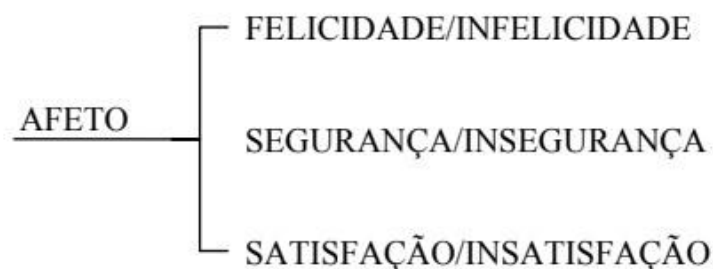
d) O sentimento gradativo é lexicalizado: diz respeito a escala de sentimentos. Ou seja, dos menos para os mais intensos, as emoções sofrem uma lexicalização que seguem uma escala que varia sua intensidade entre baixa, média e alta. (Almeida 2010, p. 104):

Exemplo: (...) **Gosto** dela no **fundo do coração**, e não admito que haja outra menina que não a valha.

e) Sentimentos que compreendem mais intenções do que reações: diz respeito a estímulos mais irreais do que reais. Fazemos essa distinção, sobretudo gramaticalmente, a partir de uma oposição entre aquilo que expressa desejo, vontade e os processos mentais (“eu gostaria de” versus “eu gosto de”, Almeida, 2010, p. 104).

Exemplo: eu **vivo brigando com ela** e tenho-lhe **dito muitos desaforos** – mas **não é de coração**.

f) A variação da tipologia do afeto: ela está agrupada semanticamente em três subconjuntos:



Tipos de afeto. Fonte: Almeida e Orlando (2010, p. 105)

1. **Felicidade/infelicidade**: diz respeito às emoções internas de alegria ou tristeza que podem, ainda, ser direcionadas aos fenômenos de gostar ou não gostar.

Exemplo: O rapaz está **feliz/triste**

2. **Segurança/insegurança**: diz respeito às questões de paz e/ou ansiedade, ao nosso bem estar e como nos sentimos em determinados ambientes, incluindo aqui as pessoas que nos cercam.

Exemplo: A garota estava **confiante** (Segurança)

A garota estava **assustada** depois de ter passado por aquela situação (Insegurança)

3. **Satisfação/insatisfação:** diz respeito às nossas realizações pessoais, metas que estabelecemos e/ou frustrações.

Exemplo (Almeida, 2010, p.106):

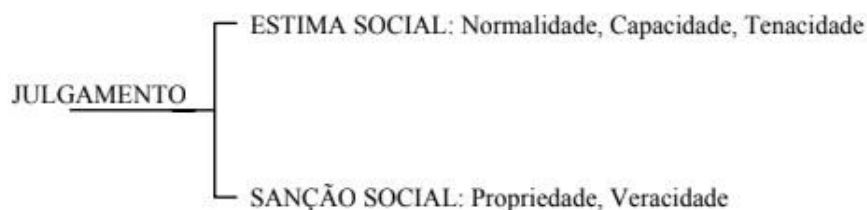
Cada qual fabrica uma qualidade de fruta – e é o que mais **admiro**, visto que a terra do pomar é a mesma para todas. (Satisfação)

O senhor me **traiu**.(Insatisfação)

### Subsistema Julgamento

Trata-se de um recurso semântico responsável por avaliar o comportamento humano se fazendo valer, principalmente, das normas e convenções sociais. Em outras palavras: trata-se de um recurso que vai avaliar como se traduz a avaliação das pessoas no que se refere às questões de legalidade, moralidade, como a cultura pode implicar e se revelar diante de determinados comportamentos, experiências e expectativas. Assim, é um recurso que tem a ver com as questões éticas, entendendo o quão condicionados estamos a seguir determinadas normas e comportamentos sociais (Almeida, 2010).

O julgamento está dividido em duas seções: estima social e sanção social. A estima social se refere às formas que aquele indivíduo será julgado socialmente, mas sem nada institucionalizado (exemplo: preguiçoso, trabalhador); a sanção social, por sua vez, se institucionaliza e impõe regras morais. Portanto, ela se estabelece socialmente e se concretiza a partir da lei, dos preceitos religiosos e morais (exemplo: corrupto, honesto, pecador).



Tipos de julgamento. Fonte: Almeida e Orlando (2010, p. 107).



<b>Estima Social</b>	<b>Julgamento Positivo</b>	<b>Julgamento Negativo</b>
Normalidade	<i>engraçado, vaidoso</i>	<i>maluco</i>
Capacidade	<i>sábia, esperto</i>	<i>boba, ignorante, burrona</i>
Tenacidade	<i>valente</i>	<i>indecisa</i>
<b>Sanção social</b>	<b>Julgamento Positivo (elogio)</b>	<b>Julgamento Negativo (Condenação)</b>
Veracidade	<i>inocente, sério</i>	<i>mexeriqueira</i>
Propriedade	<i>prestimosa, excelente</i>	<i>bruxa</i>

Exemplos de julgamento. Fonte: Almeida e Orlando (2010, p. 108)

### **Análise dos dados a partir da subcategoria afeto**

Para analisarmos melhor como o léxico se configura e se apresenta, em especial na subcategoria de afeto, utilizaremos as falas dos personagens Clécio e Sargento Arlindo (Fininha) a partir de uma das cenas transcritas do filme *Tatuagem* (2013). O objetivo é identificar e avaliar como os aspectos léxico-gramaticais são utilizados. Para fazer essa identificação, é preciso considerar o que Almeida (2010 apud MARTIN e WHITE 2000) nos sugere enquanto fatores que precisam ser levados em consideração. Para isso, consideraremos aqui as tipologias do afeto.

Todas as falas transcritas abaixo fazem parte de uma única cena. O início disso tudo se dá a partir da visita do Soldado Arlindo ao Chão Estrelas, uma espécie de teatro-cabaré situado na periferia de Recife, para entregar uma encomenda. Após assistir uma performance de Clécio, este convida o soldado para uma dança. É um momento simbólico porque existe nesse pedido um convite à liberdade que irá se constituir na liberdade dos corpos e performance desses sujeitos. Enquanto dançam a sós, agora sem platéia, há uma atmosfera que rompe com a normatividade e se materializa no corpo a corpo, na troca de olhares e afetos que constituem. Existe ainda uma dança cênica nos olhares, nas mãos que se apoiam no ombro e cintura um do outro. Nos diálogos que se seguem, podemos observar o seguinte:

[1] Clécio: “tua voz é muito **especial**.” > **FELICIDADE**

No excerto [1], a oração se constitui a partir do léxico “especial”, que representa aqui um sentimento positivo, agradável de experienciar. Esse sentimento de Clécio pela voz do Soldado Arlindo representa ainda um sentimento de felicidade porque o direciona para um

sentimento “de gostar”; de aprovação. É, ainda, segundo Almeida (2010 apud HALLIDAY 1994), o afeto atribuindo qualidade ao participante, uma vez que “especial” é um elemento lexical qualitativo.

Mais adiante, e aparentemente se permitindo a algo nunca antes experienciado, Arlindo solta:

[2] Soldado Arlindo (Fininha): “eu nunca tinha dançado **assim** com um **homem** antes.” > **SATISFAÇÃO**

Nesse fragmento, o afeto se qualifica através da satisfação representada pelo elemento lexical “assim”. Essa satisfação se constitui através do Soldado Arlindo uma vez que, sendo o que é e o que representa para sociedade, nunca havia experienciado algo do tipo, sobretudo com um homem, também enfatizado na oração. Clécio, por sua vez, endossa esse argumento ao devolver:

[3] Clécio: “eu nunca tinha dançado **assim** com um **soldado.**” > **SATISFAÇÃO/SEGURANÇA**

Nesse excerto, há uma devolutiva por parte do personagem Clécio ao afirmar que nunca tinha dançado “assim” com um soldado, o que denota, de maneira lexical, uma espécie de gradação dos sentimentos, como aponta Almeida (2010 apud MARTIN e WHITE 2005) quando ela diz que para identificar o afeto, é preciso levar em conta alguns fatores. Nesse caso, existe um sentimento em constante crescimento exponencial que se materializa na dança dialética, visual e de performance que os personagens desenham em cena. Existe ainda, em razão da cena, um certo sentimento de segurança, principalmente quando o personagem Clécio sinaliza que nunca havia dançado dessa forma com um soldado, que acaba por ser seu principal oponente, visto que o filme se passa em pleno período da ditadura. Mais adiante, e ainda em movimento pelo ambiente, ele faz mais um elogio ao Soldado Arlindo:

[4] Clécio: “teu cheiro é **doce**” > **SATISFAÇÃO**

Observa-se que o elemento destacado nesse excerto e que caracteriza aqui o nosso léxico, vai representar no nosso discurso um sentimento de satisfação que é, de certa forma, resultado das emoções do personagem.

Após uma série de elogios e revelações, enquanto ainda dançam pela sala, Clécio pergunta diretamente ao Soldado Arlindo:

[5] Clécio: “Já **beijou** um homem?” > **SATISFAÇÃO (curiosidade)**

Existe nesse excerto um elemento lexical de satisfação ligado às reais intenções e objetivos do personagem. Esse afeto vem, portanto, em forma de curiosidade por parte de Clécio, que se corresponde através da consumação do beijo por parte dos dois personagens em seguida. Essas considerações se confirmam quando Almeida (2010, p. 105) nos sinaliza que a subcategoria de satisfação é um recurso semântico que consiste em compreender as emoções e seus objetivos realizados, dentre eles, a curiosidade, respeito, etc., que acabam sendo emoções que podem vir a lidar com sentimentos de alcance ou frustração.

#### **Análise dos dados a partir da subcategoria julgamento**

O filme em questão, pela conjuntura na qual os personagens estão inseridos, entre a ditadura e o espaço teatral que tem como arma em seus espetáculos o deboche, nos apresenta uma série de elementos que transitam pelo campo lexical e semântico afetivo, mas também de julgamento. Seguindo ainda na mesma cena da subcategoria afeto, existe no diálogo dos personagens outros elementos lexicais que perpassam por um campo ético, mas envolve também um determinado coletivo social.

Após Clécio elogiar a voz do Soldado Arlindo (“tua voz é muito especial”), há um elemento lexical que chama bastante atenção, ao analisarmos a resposta que o Soldado dá:

[6] Soldado Arlindo: “no quartel me chamam de **Fininha**” > **JULGAMENTO**

Existe aqui uma avaliação de julgamento negativa do tipo estima social de normalidade, uma vez que “Fininha” é a forma usual como adjetivam esse sujeito no quartel - e aqui o espectador compreende, pela primeira vez, o porquê do personagem ter esse apelido. “Fininha” corresponde à maneira como o personagem fala. É perceptível que, embora Arlindo trabalhe e more no quartel, ele se sente constantemente deslocado, tendo que passar por diversões agressões verbais e físicas. Chamá-lo dessa forma é mais uma forma de violentá-lo.

É evidente que, sendo homem e soldado, esse sujeito passa por determinados condicionamentos sociais, logo, quaisquer possibilidades e/ou comportamentos que fujam à

regra pode ser considerado imoral, fora da curva, pecaminoso. A esse sujeito não é permitido ter essa voz - se permitido, é preciso demarcá-la de maneira jocosa - , ou mesmo, trejeitos que escapem das normas e convenções sociais, o que o coloca, conseqüentemente, em posição constante de julgamento pela sociedade.

Mais adiante, enquanto o jogo cênico se constrói a partir da dança que os personagens executam, Clécio comenta que também já serviu ao exército, mas nunca tinha sentido esse cheiro (“doce”). Quando Fininha pergunta se ele serviu mesmo, ele diz:

[7] Clécio: servi no exército, mas nunca tinha sentido esse cheiro. (...) meu pai, ele é militar. Ele achava que servindo ao exército eu ia **tomar jeito**. Ia **virar homem**. > **JULGAMENTO**

Existe nesse fragmento, em especial nos seus respectivos léxicos, um julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade, uma vez que esta categoria avalia o quão (anti)ético e (i)moral um indivíduo pode ser. Quando Clécio afirma que serviu ao exército porque, pela leitura do pai, ele “tomaria jeito”, “viraria homem”, essas indagações nos coloca em vias de questionar, sobretudo quando se é LGBTQIA+, como a política dos nossos corpos e ações são diariamente questionadas pelo estado, religiões e seus desdobramentos, de certa forma, continuam nos normatizando, cerceando e exterminando até a morte, principalmente quando nos afastamos desse imaginário social. Por isso a necessidade de rompermos com esses códigos institucionais e disputarmos territórios que sempre foram nossos. É preciso hackear esse sistema para que essa “ética” que nos é imposta seja sacudida, nossas intensidades e jeitos nos atravessem, dominem e perturbem esses juízes sem juízo.

Numa outra passagem do filme, Clécio e sua companhia recebem uma intimação por parte da polícia em razão das apresentações realizadas, carregados em sua maioria por shows repletos de deboche e cenas de nudez. Ao chegar na delegacia e tentar reverter a situação, a fim de que sejam liberados e não mais censurados, o delegado se opõe de maneira categórica e lê, no intuito de reiterar o que o documento já apresenta, da seguinte maneira:

[8] Delegado: “**flagrante e atentado** contra os **valores da pátria, da família, do pudor** (...) ‘Na ponta da lança’, essa pecinha, tem suas apresentações suspensas de forma **irrevogável** e **irrecorrível**. Só uma coisa interessa: que **ordem superior** é pra ser cumprida. Acabou!” > **JULGAMENTO**

Todos os elementos lexicais em destaque representam um julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade, uma vez que se estão associados aos personagens que, por sua vez, constituem ações antiéticas, imorais e que fogem das convenções morais e institucionais de comportamento. Os próprios epítetos respondem ao questionamento de propriedade: “o indivíduo é ético?” (Almeida 2010, p.107) , no que a gente percebe que, para o estado, este indivíduo não está de acordo com as normas.

Um outro momento que também nos lança para as questões de julgamento se dá no casarão em que a trupe mora. Sentados à mesa enquanto preparam algumas alegorias para os próximos espetáculos do Chão de Estrelas, Deusa e Clécio, pais do já pré-adolescente Tuca, conversam:

[9] Deusa: “Tuquinha tá com problema na escola, viu? Querem **expulsar** ele da escola. Pegou uma briga na sala, disse pra professora que Deus não existia, só deusas. A briga é porque ele é filho de **mãe solteira** com **pai viado**. Foi isso que ele disse que disseram pra ele (...).” >

#### **JULGAMENTO**

Mais adiante, Deusa volta a comentar, agora mudando de assunto:

[10] Deusa: “(...) Sabe aquele dia da confusão com o exército? Sabe quem tava no meio dos soldados? Fininha. Ele não me viu, mas eu vi, o Jobé viu... E a gente pensou: eu não quero filho meu andando com gente que sai pra **reprimir** não, sabe? A gente não é contra essa merda? Não quero filho meu **andando com soldado**. Sua vida é sua vida, a do Tuca é nossa!”

#### > **JULGAMENTO**

No excerto [9], percebe-se em ambos os léxicos um julgamento negativo do tipo estima social de normalidade, dado o campo semântico dos epítetos “solteira” e “viado”. A essa mulher, parece não lhe caber o mínimo de dignidade, uma vez que é mãe e solteira. Ao pai, pela alcunha que carrega, cabe a desmoralização, restando a ambos apenas tentativas de desqualificá-los. Mais adiante, no excerto [10], também nos deparamos com um mais recurso semântico de julgamento negativo, mas do tipo sanção social de propriedade, uma vez que associa à figura do soldado o ato de reprimir que, nesse caso e dado o contexto, se institucionaliza de maneira mais punitivista e arbitrária.

## Resultados das discussões

A partir das análises feitas, considerando aqui os subsistemas de afeto e julgamento a partir do sistema de avaliatividade, foi possível observar determinados resultados e levantar certos questionamentos, tais como: a) O que mais se sobressaiu no sistema de atitude e a quais personagens/questões ela está relacionada? b) Nos subsistemas identificados, o que foi possível observar? c) O que mais predominou?

Antes de adotarmos esse sistema enquanto recurso linguístico, tivemos como principal norteador a Análise Crítica de Discurso (ADC), que a partir do seu quadro tridimensional - texto, prática discursiva e prática social - nos fez compreender que essa análise tem como objetivo nos apresentar como a linguagem atua em processos sociais. Além disso, a mesma se faz crítica justamente para que compreendamos os caminhos não-óbvios pelos quais a nossa linguagem se envolve. Dessa forma, juntamente com o sistema de avaliatividade, apresentamos a seguir os resultados obtidos.

O sistema de avaliatividade escolhido neste artigo foi o de atitude, uma vez que ao avaliar positiva ou negativamente o discurso a partir do léxico, este amplifica nossas possibilidades de análises linguísticas. As cenas selecionadas mostram diálogos que vão de encontro ao lado afetivo por parte dos personagens - aqui classificadas a partir do subsistema de afeto -, mas levantam também questões de exclusão social - identificadas a partir do subsistema de julgamento -, a começar pelo nome do personagem “Fininha”, que leva esse nome em razão de sua voz, passando por Clécio que serviu ao exército para “tomar jeito; virar homem”, segundo o pai acreditava. No subsistema de afeto, o que mais predominou foram os elementos de satisfação. Por fazerem parte de uma única cena, todos os elementos lexicais se apresentam a partir do que os personagens estão sentindo naquele primeiro encontro. Para essa avaliação, foi considerado o que Almeida (2010 apud Halliday 1994) identifica como realizações do afeto, que podem ser responsáveis por fazer modificações nos participantes e seus processos. É ele quem, como ainda aponta Almeida (2010 apud Souza 2006, p. 54), vai ser responsável por constituir também as nossas subjetividades enquanto sujeito nesse processo de comunicação. Assim, quando o Soldado Arlindo e Clécio se conhecem e Clécio o convida para uma dança, as expressões “tua voz é muito **especial**”, “teu cheiro é **doce**”, “eu nunca tinha dançado **assim** com um **homem**”, “eu nunca tinha dançado **assim** com um **soldado**” e “Já **beijou** um **homem**?”, para além da curiosidade, há uma atmosfera que compõe as subjetividades desses sujeitos e reitera o que Almeida já sinalizara, atestando a partir desses léxicos como os personagens se sentem. Dessa forma, o subsistema de afeto, na

categoria satisfação, trata-se de um artifício que serve para nos apresentar como os indivíduos se comportam emocionalmente diante das situações, pessoas e/ou em determinados espaços.

Se as primeiras cinco análises se apresentam de maneira positiva, as demais seguem na contramão. As questões de exclusão social são recorrentes e chamam bastante atenção. Por isso, dada a predominância dos elementos lexicais de ordem negativa e punitivista, foi escolhido um segundo subsistema, o de julgamento. Num primeiro momento, a escolha faz jus aos estudos de Almeida e Orlando (2010) que, ao apresentarem essa categoria, a coloca como sendo uma avaliação do outro acerca da moralidade, legalidade, mas também no que concerne os impactos que uma determinada cultura pode provocar e se revelar em determinados comportamentos, expectativas e experiências.

De acordo com os resultados, das cinco análises, ao contrário das primeiras, foi possível observar uma não linearidade, sendo duas ocorrências para o julgamento negativo do tipo estima social de normalidade e três ocorrências para o julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade. Antes de fazer as devidas classificações dos respectivos julgamentos em razão do léxico, o caminho percorrido para sistematizar e fundamentar foi, primeiramente, compreender que a linguística sistêmico-funcional, juntamente com a ADC, trabalham a partir de um modelo semiótico da linguagem, o que nos coloca a concluir que nossa linguagem não é analisada apenas através de componentes linguísticos, como Tilio (2010, p. 92) nos orienta. Segundo o autor, para além disso, ela parte também de uma perspectiva cultural, de práticas sociais que são também práticas de produção, relações, identidades sociais, ou seja, a linguagem em seu sentido mais amplo. Tudo isso constitui e contribui para a dialética.

Quando o personagem central da história carrega a alcunha de “**Fininha**”, em razão da sua voz, assim como Deusa, por ser “**mãe solteira**” e Clécio, o “**pai viado**”, esses elementos lexicais, são fruto de práticas sociais que reforçam determinados estereótipos. Ao fazer a avaliação e classificação desses termos, foi necessário reiterar como a prática discursiva corrobora para uma prática social que condiciona e forma parte da nossa sociedade, o que acaba por colocá-la em vias de julgar esses indivíduos de maneira negativa porque assim é o julgamento: o quão comum ou incomum aquele indivíduo é?

Mais adiante, ao identificarmos as três ocorrências do julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade, foi necessário se aprofundar e compreender quais instituições estabelecem essa exclusão social. Dado o contexto em que o filme se passa e o desenrolar do enredo, identificamos a igreja e a instituição militar como sendo as principais responsáveis. Em [1] “Ele achava que servindo ao exército eu ia **tomar jeito**. Ia **virar homem**”; [2]

“**atentado contra os valores da pátria, da família, do pudor (...)**”, [3] “**reprimir (...)** Não quero filho meu andando com **soldado**.”, percebe-se em [1] o militarismo como forma de regenerar o indivíduo daquilo que foge do senso comum e ao que é imoral, o que atende às definições do julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade de Almeida e Orlando (2010), quando os mesmos apontam que há no julgamento uma institucionalização do sentimento, ou seja, normas que condicionam as pessoas a agirem de determinadas formas. É a partir desse conceito que se estabelece a classificação. Em [2], a igreja se estabelece como uma instituição doutrinadora da moral e bons costumes. Nesse excerto, a companhia teatral recebe uma ordem judicial para que as apresentações cessem. Trata-se de um exemplo claro onde a triangulação da ADC se aplica. A ordem vem através do texto, que está envolvida em um discurso moralista e se reflete na prática social. Por último, no excerto [3], embora a associação pareça óbvia, o ato de reprimir é o que representa esse sujeito e, na ADC, suas práticas sociais acabam por constituir uma ordem social. No campo da avaliatividade, conforme aponta Almeida e Orlando (2010, p. 106), o caminho acaba sendo o de julgamento negativo do tipo sanção social de propriedade, uma vez que esta categoria é responsável pelas regras morais, mas também pela aplicação de possíveis penalidades para quem rompe com as leis.

### **Considerações Finais**

Quando traçamos um paralelo entre a Análise de Discurso Crítica (ADC) e as análises linguísticas feitas a partir de fragmentos do filme Tatuagem (2013) através do sistema de avaliatividade, conseguimos perceber como esse sistema e a ADC se complementam. O sistema de avaliatividade, em linhas gerais, é um sistema que serve para explorar, descrever e explicar a forma como a linguagem é utilizada como instrumento de avaliação. Dessa forma, percebe-se, em especial a partir dos subsistemas de afeto e julgamento, e considerando aqui as cenas escolhidas, que quando o afeto se materializa e se constitui em cena, o que predomina são os elementos de satisfação, dado o contexto. Existe a expectativa do primeiro encontro, as emoções que se desencadeiam a partir do olhar, do tatear o outro, o sentimento de curiosidade, visto que os personagens são partes de mundos antagônicos, mas principalmente, elementos lexicais que vêm representados nos diálogos a partir de adjetivos, advérbios, nominalizações. A exemplo, temos: “tua voz é muito especial/ teu cheiro é doce/ eu nunca tinha dançado assim com um soldado”.



É a partir desse primeiro encontro que as possibilidades de afeto são consideradas, partilhadas e atravessam esses sujeitos. E, para além disso, já nos primeiros excertos é possível compreender a identidade desses personagens, de que lugar eles estão estruturados socialmente e como o discurso se constrói.

Mais adiante, quando analisamos linguisticamente a categoria de julgamento, foi possível observar a prevalência de dois elementos: quando de estima social negativa, o que prevaleceu foi elementos de normalidade (usual); quando de sanção social negativa, elementos de propriedade (ética). Em quase todos os excertos de julgamento, as questões que se sobressaltaram estão ligadas às questões de exclusão e invisibilização do sujeito LGBTQIA+ perante a sociedade, sobretudo e, principalmente, ao que é lido e visto como legal (ético). Essa exclusão vem desde a maneira como adjetivam o Soldado Arlindo por conta de sua voz “fininha”, colocada recorrentemente como um codinome no filme, passando por questões como “pai viado/tomar jeito/virar homem” que se opõem à moral e aos tidos bons costumes.

Quando se fala em exclusão social, é preciso ainda refletir de quais instituições especificamente partem esses mecanismos. No caso do filme e dos fragmentos analisados, são dois: a instituição militar e a religiosa. Na instituição militar, o julgamento se dá a partir do epíteto “fininha” associado à voz do Soldado Arlindo. Há, nesse julgamento, um descompasso frente ao que se espera da performance de um soldado e sua virilidade. A fuga desse espectro é o que coloca esse indivíduo sujeito a violências que são verbalizadas e manifestadas fisicamente pelos seus colegas. Um outro momento se dá quando Clécio diz que servindo ao exército, na concepção do pai, ele poderia “tomar jeito, virar homem”. Esses termos, associados ao ambiente militar, também contribuem para uma exclusão porque conclui-se que qualquer comportamento que fuja daquilo que já foi estipulado em sociedade, é o suficiente para colocar aquele indivíduo de escanteio e, automaticamente, categorizá-lo como sendo alguém inferior. A instituição militar serve, nesse caso, como uma tentativa de normatizar e realocar esse sujeito na sociedade.

Quando a instituição, por sua vez, é religiosa, frases como “flagrante e atentado contra os valores da pátria, da família, do pudor (...)”, “(...) a briga é porque ele é filho de mãe solteira com pai viado.”, sinalizam um sistema de exclusão frente a essa mulher que, aos olhos da sociedade, não é benquista, já que não tem uma figura masculina para educar e criar o filho, pelo contrário: o pai do seu filho, Clécio, se reduz a alcunha de “pai viado”, que, por sua vez, faz parte de um grupo que atenta contra os valores morais da família, da pátria e pudor.

Em linhas gerais, o resultado preliminar que se chega a partir dessas instituições que excluem socialmente grupos considerados minoritários e considerando a estima e sanção social, é que a sociedade não suporta a ideia de que pessoas LGBTQIA+ constroem relações e estas ultrapassam as linhas de controle social. Nossos afetos e relações, como sinalizam Coelho e Tasso (2017), são alvo de pânico e preocupação porque rompemos diariamente com a ideia que se constrói acerca da instituição familiar tradicional. Nossas relações fogem das questões “éticas” porque se entender enquanto LGBTQIA+ é causar rupturas em um sistema conservador, moralista e patriarcal.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. **A avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

COELHO, Marciele Cristina; TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. **O corpo cinematográfico como prática discursiva no processo de normalização das relações homoafetivas**. Revista Travessias, Paraná, v. 11, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **De l'amitié comme mode de vie**. *Gai Pied*, nº 25, p. 38-39, abr. 1981. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

GOUVEIA, Carlos A. M. **Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas**. Vir bonus peritissimus aequo, Lisboa, p. 1059-1071, 2013.

GOUVEIA, Carlos A. M (2002) **Análise Crítica do Discurso: enquadramento histórico**. In Mateus, Maria Helena e Correia, Clara Nunes. Saberes no Tempo. Lisboa: Colibri

LOBATO, Ladyana; NOGUEIRA, Rosângela. **O Subsistema de Atitude: Uma análise do posicionamento moral e ético na história em quadrinhos na turma da mônica “um**

**supermotociclista”**. In: IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia – IV CIELLA, 2013, Belém.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London, Palgrave, 2005.

SANTOS, Záira Bomfante dos; MEIRA, Ana Clara Gonçalves Alves de. **Discurso e prática social: a representação do preconceito homossexual**. Nova Revista Amazônica, Bragança, v. 1, n.2, p. 107-118, Jul./Dez., 2013.

TATUAGEM (filme). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatuagem\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatuagem_(filme))>. Acesso em: 13 fev. 2021.

TILIO, Rogério. **Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico**. E-escrita, Nilópolis, v. I, n. 2, p. 86-102, Maio/Agosto, 2010.

Twitter. LEON, Alexander. Texto do tweet. Sidney, 07 de janeiro, 2020.

VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (Org). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.